

# LIBERTAÇÃO DA ÁFRICA AUSTRAL É DEVER DOS AMANTES DA PAZ

— Joaquim Chissano numa Conferência de Solidariedade em Itália

Joaquim Chissano, membro do Comité Político Permanente do Partido FRELIMO e Ministro dos Negócios Estrangeiros fez uma importante intervenção na 2.ª Conferência de Solidariedade para com os Povos da África Austral contra o Racismo e «Apartheid» na África do Sul e para a independência da Namíbia. A conferência permitiu ao Ministro moçambicano exprimir uma vez mais as posições da RPM em relação à situação política na África Austral e muito em particular, em relação às propostas para a Namíbia do Grupo de Contacto ocidental e à cumplicidade do mesmo Ocidente com as manobras do regime sul-africano, na região. Um discurso de reiteramento do apoio à SWAPO e ANC, os dois movimentos de libertação nacional que lideraram as lutas dos Povos da Namíbia e da África do Sul, e que passamos a transcrever na íntegra:

Permita-nos Sr. Presidente da Conferência em nome do Partido FRELIMO do Governo da República Popular de Moçambique, em nome do Povo moçambicano saudar vivamente a todos os participantes a esta 2.ª Conferência de Solidariedade para com os Povos da África Austral contra o Racismo e «Apartheid» na África do Sul e para a independência da Namíbia.

Gostaríamos de saudar em especial o Povo e o Governo Italianos pela sua hospitalidade calorosa, que criaram as condições para a realização desta Conferência. É sempre com renovada satisfação que o Povo moçambicano recebe esta hospitalidade. Estivemos presentes aqui em Roma em 1970 quando o Povo Italiano manifestou a sua solidariedade com a luta dos povos das então colónias portuguesas.

Ainda há bem pouco tempo o nosso Presidente Samora Moisés Machel veio à Itália saudar o Povo Italiano por esta solidariedade manifestada para com a nossa luta de Libertação Nacional. Sentimos mais uma vez o calor da fraternidade do Povo Italiano. Esperamos que esta Conferência venha a contribuir para uma maior unidade das forças progressistas, amantes da paz e da liberdade na luta contra o colonialismo, o racismo, o «apartheid» e o imperialismo na África Austral.

A experiência do Povo Italiano na luta contra o fascismo e nazismo desempenha um papel relevante na luta que travamos actualmente na África Austral, a luta pela erradicação do colonialismo, racismo e «apartheid» na Namíbia e África do Sul.

A situação actual na África Austral caracteriza-se por um agudizar da confrontação entre as forças progressistas e as forças retrógradas que preconizam a exploração e a dominação perpétua dos povos.

Senhor Presidente,

Não constitui dúvida para ninguém que a causa da deterioração da situação política na África Austral está na persistência do regime racista da África do Sul na sua política de opressão e de agressão. A arrogância, a intransigência e os crimes praticados pelo regime de Pretória assumiram proporções alarmantes que representam de uma forma evidente a agressividade do imperialismo nesta região do globo.

Esta intransigência em muito se deve à cumplicidade das potências ocidentais cujo apoio constitui o suporte inegável do regime retrógrado da África do Sul, quer no plano económico como no plano militar. Apesar da condenação por parte da Comunidade Internacional, constatámos que a essência do regime permanece.

A manutenção da política do «apartheid», o recrudescimento da repressão contra o Povo sul-africano vítima de uma humilhação e desprezo coloniais, a prossecução da política de desenvolvimento separado das raças e tribos, não são senão uma estratégia que visa manter um desemprego contínuo que forneça uma mão-de-obra barata e sem capacidade de concorrer com a força de trabalho branca, e manter os chamados bantustões numa dependência sem fim, para lá enviado os elementos não produtivos da sociedade.

A recente criação do bantustão do Ciskei cuja independência e reconhecimento apenas pela própria África do Sul, é uma clara manifestação da sua intransigência e do seu empenho em prosseguir a sua política de opressão a que submete o Povo sul-africano.

Contudo, o regime de Pretória já não pode esconder a resistência heróica que o Povo sul-africano lhe impõe,

Os ataques à bomba que se multiplicaram em 1981 contra alvos estratégicos da economia sul-africana, o crescimento contínuo do movimento estudantil, o amplo movimento sindical das massas africanas e a acção desenvolvida pelas Igrejas, são a expressão da dimensão da luta do Povo da África do Sul que, sob a direcção do ANC enfrenta corajosamente a brutalidade repressiva do regime racista.

O ANC completa 70 anos. São 70 anos de experiência, sacrifícios, sacrifícios que inspiram todo o Movimento de Libertação da África. Depois da criação do ANC muitos Movimentos de Libertação foram criados na África. Muitos destes utilizando as mesmas palavras de ordem da unidade africana e as mesmas palavras de exortação que levaram o povo da África do Sul a unir-se em torno do ANC.

A inspiração da luta do Povo sul-

africano produziu o aparecimento de independências de país após país na África. Hoje somos 51 países independentes na África incluindo a República Democrática Árabe Saharaí, recentemente admitida na OUA.

Os 70 anos de sacrifício do Povo sul-africano não foram em vão. Os sucessos alcançados ultimamente pelo ANC dão-nos a certeza de que a independência da África do Sul e da Namíbia chegará sem tardar. Saudamos o Povo sul-africano por estas vitórias. Saudamos o Povo sul-africano pela continuidade da sua determinação e coragem e queremos repetir aqui o que disse o Presidente da República Popular de Moçambique, Samora Machel no dia 14 de Fevereiro de 1982; cito:

«... No total somos 35 milhões, 12 milhões de moçambicanos e 23 milhões de Sul-Africanos. Somos 35 milhões. Não vamos ser vencidos por uma minoria; os 4,5 milhões, que dependem de elementos corruptos. Nós dependemos da força do Povo, da coragem do Povo e da rejeição da impureza. Somos 35 milhões conscientes e determinados. Sabemos o que queremos, conhecemos quem é o nosso inimigo. E o «boer» que massacra, que oprime, que mata, que discrimina, é esse o inimigo.

Nós e os Sul-Africanos, lutaremos lado a lado, ombro a ombro, até a vitória final, até que caia o «apartheid». Não é uma guerra entre os dois Povos. A guerra que nos querem impôr é uma guerra entre de um lado, os Povos Moçambicano e Sul-Africano, e do outro lado um regime minoritário e racista.

A guerra que nos querem impor é uma guerra entre, de um lado todos os amantes da paz, e do outro lado, uma clique de nazi-fascistas, que nem sequer representam todos os brancos. Por isso, pela justiça da nossa causa, pela solidariedade internacional, estamos certos da vitória. Venceremos o «apartheid»...». Fim de citação.

Paralelamente a este desenvolvimento interno e ainda com a conivência das potências ocidentais, a África do Sul promove uma campanha de desestabilização política dos países vizinhos, pretendendo assim transferir as contradições internas que são entre o «apartheid» e o Povo sul-africano para estes países. É assim que revoltados nos insurgimos contra a agressão e ocupação de parte do território da República Popular de Angola. País independente e soberano. Esta agressão não é um acto isolado da África do Sul. Ela obedece a um plano mais geral de desestabilização de todos os estados da África Austral.

Países como o Reino de Lesotho, a República do Botswana, a República da Zâmbia, a República do Zimbábue e a República Popular de Moçambique têm sido vítimas de acções de provocação contínua, violações de fronteira e do espaço aéreo e vítimas de agressões por parte de Pretória.

Por outro lado, o regime racista, com os mesmos objectivos treina, financia e dirige grupos de bandidos e assassinos que introduz nos territórios vizinhos para sabotar as economias

Em Moçambique, os bandos armados, treinados e equipados pelo regime do «apartheid» matam civis, mulheres, velhos e crianças, atacam comboios e viaturas civis a fim de roubar, saqueiam lojas, violentam e raptam as populações, e sabotam as vias de comunicação, particularmente aquelas que servem os países vizinhos do Hinterland. Sabotam os projectos agrícolas que visam acabar com a fome e a nudez no nosso País, destroem as escolas que visam combater a ignorância e os hospitais que pela primeira vez desde há séculos

dão assistência médica às nossas populações.

Estes bandidos desde que começaram os seus actos terroristas nunca atacaram as forças de defesa de Moçambique. Os seus ataques são sempre contra os objectivos civis e contra a população inofensiva.

A ocupação do Sul de Angola pelas tropas do regime do «apartheid» é um acto premeditado e concertado dos inimigos da liberdade e independência dos povos que não podemos assistir passivamente ou tolerar através de argumentos falaciosos. Alguns querem-nos convencer de que a vítima é o criminoso, de que o agressor sul-africano vem a Angola defender o Povo angolano contra a intervenção estrangeira, que visa destruir a independência de Angola. Desde quando a África do Sul defende a liberdade e democracia?

A verdade é uma. E a África do Sul que com a conivência de alguns países ocidentais criou as condições para a vinda a Angola das tropas cubanas, conselheiros e material soviético ao agredir este País nos primeiros dias da sua independência.

E foi o Povo angolano através do seu legítimo Governo que convidou estes países amigos a concederem-lhe este tipo de apoio material.

O regime racista da África do Sul tenta ganhar a simpatia do Ocidente apresentando-se como o defensor da civilização ocidental na África. Estamos certos de que os povos da Europa como todos os Povos do Mundo não aceitam que o «apartheid» seja parte da civilização ocidental ou de qualquer outra civilização. Bantustões, discriminação, massacres, não são civilização.

Esta e outras acções deixam claro que se trata de um plano sistemático e contínuo que visa as nossas independências e reconstrução nacional dos nossos países, com o objectivo de desacreditar os nossos Governos e perpetuar a situação de dependência económica que o colonialismo nos deixou.

Estamos conscientes de que a eliminação do «apartheid» na África do Sul é uma condição necessária para o estabelecimento de uma política de paz e cooperação na África Austral, contribuindo assim para a paz e segurança mundiais.

A libertação da África do Sul e da Namíbia, a consolidação da independência nos países vizinhos da África do Sul não são da responsabilidade única e exclusiva do ANC, da SWAPO e dos países da África Austral. É um dever de todas as forças amantes da paz e da liberdade do Mundo inteiro apoiar de uma maneira concreta, material, política e moralmente a luta travada pelos Povos da África Austral. A África do Sul deve ser isolada material, política e moralmente.

Porém, convém não esquecermos que a agressividade descarada da África do Sul é parte da escalada sem precedentes da agressividade do Imperialismo. Devemos denunciar a participação directa ou indirecta do Imperialismo nos crimes cometidos pela

África do Sul contra os Povos pacíficos da África Austral.

Quem são afinal aqueles que se recusam a isolar a África do Sul? Quem são aqueles que se recusam a cooperar numa maneira eficaz de modo a garantir o desenvolvimento e a independência económica dos países da África Austral?

Quem são aqueles que apoiam os movimentos fantoches contra Governos soberanos da África Austral?

Quem são aqueles que apoiam os bandidos?

São os países que têm volumosos interesses financeiros e económicos a salvaguardar na África do Sul. São os países imperialistas que tem o regime do «apartheid» como seu aliado natural, e defensor e garante da sua acção de pilhagem dos recursos naturais que pertencem ao Povo da África do Sul e da Namíbia.

São estes países que em vez de aplicarem sanções contra a África do Sul as aplicam indirectamente contra os países independentes da zona im-

pondo condições que afectam a soberania dos estados antes de aceitarem uma cooperação frutuosa.

Os países da África Austral com a finalidade de diminuir a sua dependência em relação ao regime do «apartheid», decidiram criar mecanismos de cooperação estreita entre si no seio da Conferência Coordenadora do Desenvolvimento dos Países da África Austral, SADCC.

Qualquer país que genuinamente quer ver os países da África Austral verdadeiramente independentes tem o dever de apoiar sem condições os esforços destes países tanto para aumentar a sua capacidade defensiva, como para se libertar da dependência a um regime há muito condenado por toda a humanidade.

Senhor Presidente,

É com profundo pesar que constatamos ainda que a Namíbia continua ilegalmente ocupada pela África do Sul. Muitos passos foram dados pela Comunidade Internacional na voz das Nações Unidas visando criar mecanismos internacionalmente aceites para a concessão da independência ao território internacional da Namíbia.

A Resolução 435 (1978) do Conselho de Segurança das Nações Unidas é o instrumento prático já concebido para garantir ao Povo Namibio gozar o seu direito de ser livre e de escolher o seu modo de vida. A SWAPO, os Países da Linha da Frente, a África e toda a Humanidade apoia neste instrumento um meio prático e aceite por todos, que nos conduzirá à independência da Namíbia.

A Resolução 435 é o resultado do Povo namibio dirigido pela SWAPO. É a luta armada dirigida pela SWAPO que forçou o inimigo a mudar de táctica ao aceitar os contactos e negociações que conduziram a esta Resolução do Conselho de Segurança.

Não importam o tamanho das manobras que o Impreialismo continuará a fazer, o combate libertador do Povo da Namíbia trará a vitória. Serão a vitória política, diplomática e militar sobre o criminoso regime do «apartheid». Expressamos a nossa solidariedade sem limites para com o Povo da Namíbia e com o seu único e legítimo representante, a SWAPO.

Não obstante esta determinação dos povos em ver num futuro imediato o Povo irmão da Namíbia livre da exploração a que é submetido, tristemente, vemos os nossos intentos malograrem devido à persistente recusa sul-africana, permitida pelo apoio que tem recebido do Ocidente em particular dos Estados Unidos.

Após o falhanço da Conferência de Genebra sobre a Namíbia assistimos como não poderia deixar de ser a movimentação por parte do imperia- lismo no sentido de conseguir acomodar-se à nova situação. Várias

foram as delegações integradas por representantes ocidentais e norte-americanos por nós recebidas. Permita-me dizer que, talvez devido ao nosso carácter acolhedor, nós os povos oprimidos sempre soubemos antes de nos decidirmos pelo caminho mais difícil, a luta armada, procurar os meios pacíficos de alcançar a independência e liberdade. Foi nesta base que aceitámos dialogar e incluir o Grupo

de Contacto na tentativa da procura duma solução pacífica para a questão da Namíbia.

Enquanto que, por um lado, as forças progressistas amantes da paz e da liberdade dos povos, impelidas pela vontade crescente de apagar na história da humanidade o colonialismo, os países ocidentais aparentemente dispostos a cooperarem, trabalham em estreita cooperação com o regime racista da África do Sul visando ganhar tempo e fazer-nos desistir dos nossos intentos.

Não desistiremos de conceder o nosso total e incondicional apoio à luta armada do Povo namíbio dirigido pelo seu único e autêntico representante, a SWAPO, e estamos prontos a colaborar na procura duma solução internacionalmente aceite com base na Resolução 435 (1978) do Conselho de Segurança das Nações Unidas sobre a independência da Namíbia.

É por isso que afirmamos categoricamente que qualquer processo na Namíbia deve garantir a transferência do poder para a maioria. Não concebemos qualquer solução que visa garantir os interesses das minorias na Resolução 435 (1978) do Conselho de Segurança das Nações Unidas sobre a independência da Namíbia.

É por isso que afirmamos categoricamente que qualquer processo na Namíbia deve garantir a transferência do poder para a maioria. Não concebemos qualquer solução que visa garantir os interesses das minorias em prejuízo dos interesses do Povo namíbio.

Não podemos admitir sistemas de eleições que deturpem os princípios de democracia ou que facilitem a infiltração de agentes da África do Sul e do imperialismo no seio dos órgãos do poder duma Namíbia independente.

A escolha dos órgãos de poder da Namíbia deve ser feita justa e livremente pelo Povo da Namíbia. Todo o passo tendente a garantir sejam quais forem os interesses, no território, tem de ser dado na base de que essas garantias servirão todo o Povo namíbio, sem distinção de raça, sexo, etnia ou religião.

Pois estes não são os princípios que definem a maioria. A maioria é definida pelos interesses do povo. Um branco que se identifica com os interesses do povo está com a maioria. Um preto que não se identifique com os interesses do povo não está com a maioria, está com a minoria.

Neste sentido achamos perigoso o princípio de um «homem, dois votos», que está sendo proposto à SWAPO pelo Grupo de Contacto.

Queremos uma vez mais reafirmar que a Resolução 435 (1978) do Conselho de Segurança das Nações Unidas permanece como base internacionalmente aceite para a solução do problema da Namíbia e que deve ser o povo deste território a escolher livremente a sua própria Constituição.

Senhor Presidente,

A situação na África Austral é agravada pelo reforço das bases militares imperialistas de agressão no Oceano Índico que põem em perigo a paz e a segurança internacionais e sobretudo a estabilidade e segurança do país da zona.

A situação na África Austral é agravada pelo reforço das bases militares imperialistas de agressão no Oceano Índico que põem em perigo a paz e a segurança internacionais e sobretudo a estabilidade e segurança do país da zona.

Estamos convictos que os países da região e o resto da Comunidade Internacional jogam um papel importante para o estabelecimento de um clima de paz no Oceano Índico, à luz da Resolução das Nações Unidas que declarou o Oceano Índico como Zona de Paz e Desnuclearizada.

Estamos certos que os participantes desta conferência saberão transmitir aos partidos democráticos, aos sindicatos e ao Governo italiano as legítimas preocupações dos povos da África Austral.

Esperamos que esta conferência exprima o empenho dos nossos países e de todas as forças progressistas amantes da paz e do progresso social bem como o empenho da comunidade internacional em geral em promover o desenvolvimento, só possível num clima de paz, respeito pela nossa soberania e pelos direitos dos nossos povos.

dos nossos povos.

Importa, pois, que conjugemos os esforços de todas as forças progressistas mundiais em torno destes objectivos.

É com grande regozijo que acolhemos a proposta da criação de uma Associação Italiana de Amizade e de Solidariedade para com os Povos da África Austral. Este será um importante instrumento de luta para a Libertação Nacional dos povos da África Austral. Mas o seu papel não termina com a libertação nacional.

A Associação deverá continuar a sua acção para garantir a consolidação da independência dos povos daquela região. Deve defender a paz na zona, pois o imperialismo não cessará de desestabilizar criando assim condições propícias para a deflagração de uma guerra que se pode generalizar a todo o Mundo a partir da África Austral.

Ao mesmo tempo a Associação poderá ser um importante instrumento promotor económico e cultural de cooperação entre a Itália e os nossos países num clima de justiça, igualdade e benefícios mútuos, dentro dos princípios que vós Senhor Presidente acabais de expôr, como base de cooperação entre os países do Mundo.

Senhor Presidente,

Ao terminarmos a nossa intervenção, gostaríamos de renovar as nossas saudações aos organizadores desta conferência, aos partidos democráticos italianos, aos sindicatos, ao Governo e ao Povo italiano pelo acolhimento que nos proporcionaram durante esta conferência.

Viva a Solidariedade do Povo italiano para com a luta dos Povos da África Austral!

Viva o ANC!

Viva a SWAPO!

Viva a Paz!